

Troca de dívida *Estudo* por ações preocupa

94 JUL 1981

por Tom Camargo
de Londres

O estudo preparado pelo "Grupo dos 30" sobre possíveis problemas provocados pelos programas de conversão da dívida externa de países em investimentos diretos, publicado em tandem com um trabalho sobre a importância de um papel ampliado para organismos multilaterais na gestão da crise, recebeu mais elogios do que críticas em círculos financeiros que representam os principais credores.

Apesar de contrariar, principalmente no que toca à conversão, alguns dos postulados que têm animado bancos e instituições financeiras a armar, às pressas, completos departamentos especializados em trocar retalhos da dívida por ações, o parecer do "Grupo dos 30", como disse a este jornal uma fonte do Banco da Inglaterra (banco central), "deixa claro que ninguém deve acreditar na versão de que a crise, depois dos aumentos de provisões dos bancos, tem um horizonte de solução (...). Há ainda muito a ser feito".

Para o diário econômico Financial Times, de Londres, existiriam hoje duas correntes de pensamento em relação à dívida. A primeira, otimista, acreditaria que os temores levantados pela decretação da moratória brasileira se mostraram infundados e que o pior já teria passado.

Isto é, a carga representada pelo serviço da dívida como uma proporção dos ganhos em moeda forte dos países devedores estaria no decurso, ao mesmo tempo que novos esquemas financeiros (com a conversão à frente) estariam dando oxigênio a programas de reescalonamento.

Além disso, os responsáveis pelos grandes bancos centrais poderiam dormir sossegados, pois a combinação de reescalonamentos mais ganhos acumulados teriam tornado uma crise bancária muito distante, só possível na pior das hipóteses.

"No entanto, não se trata de uma crise bancária"; o que temos à nossa frente é uma crise econômica envolvendo vários dos maiores